

Ecologia Integral: uma perspectiva transdisciplinar – por Regina Fittipaldi*

***Regina Fittipaldi é Pró-Reitora de Meio Ambiente da Universidade da Paz – UNIPAZ**

Uma fonte de inspiração que desperta reflexões acerca das relações entre os seres humanos e a Terra é a Cosmogênese. A Origem da vida no universo e na Terra percorre mitos nas diferentes culturas humanas, desliza pelo simbólico e o “mundus imaginalis”, fundamenta a fé nas religiões e é objeto de pesquisas, tratados e teses científicas.

O fato é que, em qualquer instante que se pare para refletir sobre a origem deste momento, deste “aqui e agora”, é preciso reconhecer que a grande conspiração se iniciou há cerca de quinze bilhões de anos. Um marco que data o início da história evolucionária que compreendemos como a gênese do universo que percebemos.

Nesse universo, em movimentos de caos e ordem, ao longo de alguns bilhões de anos formou-se nossa galáxia, a Via Láctea. Podemos tentar compreender a extraordinária magnitude dos fenômenos que se sucederam para o surgimento da Terra - nossa casa comum: na pontinha da constelação de Órion uma estrela de quinta grandeza adotou o que podemos considerar um “padrão” e à partir da presença dessa estrela que viria a ser o nosso Sol, uma imensa massa de rocha e outros componentes incandescentes que deslizavam pelo espaço, passou a espiralar definindo uma órbita. Com outros corpos celestes em movimentos complexos criou-se o sistema solar. Dentre esses corpos celestes, há cerca de 4,6 bilhões de anos iniciou-se o processo fantástico da vida na Terra, como batizou Carl Sagan – “nosso pálido ponto azul”. Naquela diminuta esquina da Via Láctea aconteceu a aventura de transformações que em processos de autorregulação vem até o momento, constituindo a Terra.

Por que é importante trazer essa reflexão provocativa e inspiradora para esse instante? Porque essa reflexão pode sensibilizar para a magia do aqui e agora. De um modo geral pensamos uma relação direta e linear entre ser e estar, desconsiderando muitas vezes o fato de que estarmos aqui nesse momento é o resultado de imbricações e complexidades que superam em muito nossa percepção do que seja realidade e de como a cronologia dos

acontecimentos determina essas realidades.

Estender o olhar para a cosmogênese que há quinze bilhões de anos gerou esse aqui e agora também é de fundamental importância para o reconhecimento de que somos seres históricos. Humberto Maturana e Francisco Varela na obra “A árvore do conhecimento” confirmam esse fato: “Somos descendentes por reprodução não apenas de nossos antepassados humanos mas também de ancestrais muito diferentes que retrocedem no tempo mais de 3 bilhões de anos. Todos os seres compartilham a mesma célula ancestral. Para entender a teia da vida e a nós mesmos torna-se necessário entender os mecanismos que fazem do ser vivo um ser histórico. “

Todos nós, filhos e filhas da Terra, somos o resultado de um processo evolutivo que começou na mesma “dança” de caos e ordem que criou os vulcões incandescentes e os oceanos escaldantes dos tempos primevos, integrando expressões criativas entre diferentes atores, estruturas e componentes, interconectando-os, construindo e tecendo o que compreendemos como realidade.

Apresentar o processo de enraizamento de ser e estar como humano nesse momento civilizatório é um dos pilares para a educação no terceiro milênio, um portal para o resgate da arte de pertencer. Especialmente para os educadores ambientais cujo método de abordagem deverá incluir, como propósito, trazer de volta o reencantamento diante da força e da sabedoria da vida.

Para a apreensão do vasto conteúdo do nosso trabalho como educadores ambientais, que inclui sensibilizar e informar para a consciência de pertencimento para a complexidade da teia de vida, é preciso reconhecer que tudo é processo e que a realidade desse instante – aqui e agora – engendrou-se a partir da experiência da vida por ela mesma.

Cada manifestação que percebemos expressa um aspecto do processo evolucionário: das flores aos beija-flores, das águas aos seres das florestas, dos insetos às estrelas do mar. Do micro ao macro a biodiversidade que expressa a vida na Terra é a tradução do diálogo integrativo entre partes, do encontro das diferenças onde um mais um é igual a três. A vida se constrói a partir da sua própria experiência, e nós – seres humanos - somos o resultado desse processo evolutivo.

O processo evolucionário é um aspecto inerente às manifestações na Terra onde tudo está intimamente relacionado na Teia da Vida.

Podemos compreender que as células que estão em nossos corpos agora percorreram historicamente várias esquinas desse planeta: já foram árvore, pedra, parte de uma montanha distante. As águas que correm no seu sangue hoje já foram seiva, já estiveram voando dentro de um pássaro, foram clara de ovo, foram lágrimas e voltaram para a terra. O pertencimento à teia da vida pressupõe o reconhecimento de que tudo está em movimento e de que tudo se estabelece, se desenha e se integra a partir de movimentos de caos e ordem. Surgimos há 15 milhões de anos na sequência de um *Big Bang*, de uma grande “explosão”, ou como diz Leonardo Boff, do florescimento de um ovo cósmico (linda figura que traz um aspecto feminino da origem) que desencadeou todo esse processo.

Quando penso na infinitude de vida em expressões, formas, cores e complexidades surgida a partir daquele instante gerador de todo esse processo evolutivo, lembro de um poema do indiano Rabindranath Tagore, em que os versos dizem assim:

“Fizeste-me sem fim, pois esse é o teu prazer. Vives esgotando esta taça frágil e enchendo-a sempre de vida fresca.

Levaste por montes e vales esta pequena flauta de cana, e soprando-a, atravessaste-a de melodias sempre novas.

Ao toque imortal das tuas mãos, o meu pequeno coração esquece os limites da alegria e cria inexprimíveis expressões.

Teus dons infinitos vêm a mim apenas sobre estas minhas tão exíguas mãos. Passam os tempos, vais vertendo sempre, e vai havendo sempre o que encher”.

Podemos pactuar esse dado de realidade: somos o resultado dessa ânsia infinita de experiências da vida por ela mesma. Porém quando olhamos o momento planetário que atravessamos, percebemos o quanto a humanidade se distanciou da origem que nos irmana e se perdeu da consciência de pertencimento. Se conectamos com esse instante olhando para a perspectiva que se anuncia para as gerações futuras diante dos desafios contemporâneos, que não vou elencar aqui e que são o resultado das ações humanas

desconectadas e dos impactos do modelo civilizatório que criamos principalmente na modernidade, compreendemos a necessidade e urgência de uma educação ambiental que resgate a humanidade para uma relação que reconheça a interdependência e complementaridade entre os seres da Terra como um pressuposto.

Será construindo com nossos corações e mentes uma perspectiva de mudanças a partir de nossas vivências e trocas de experiências e com o propósito comum de ousar criar novas realidades que desenharemos perspectivas de sustentabilidade.

Nesse sentido, na UNIPAZ - Universidade Internacional da Paz DF a nossa missão é a cultura de paz. Temos uma Teoria Fundamental que se apoia na abordagem holística e transdisciplinar e temos como referência as Três Ecologias: Ecologia Individual, focada no indivíduo, Ecologia Social - focada na sociedade e a Ecologia Ambiental – focada na Natureza e no Meio Ambiente. Trabalhamos as três ecologias por entendermos que a cultura de paz é construída a partir da inteireza do ser: a paz consigo, a paz com o outro, a paz com a natureza e o meio ambiente, e a paz essencial, advinda do pertencimento cósmico. Quando se está inteiro, quando se está pleno, entra-se em um estado de bem-estar, de felicidade em que se pode então dizer: eu estou vivendo um momento de paz - a partir da sua própria experiência de ser, individualmente e na sua indissociável relação com a sociedade, com a natureza e com a própria Vida. Você – individualmente - é uma testemunha de que a paz é possível.

Compreendemos que é a partir dessa perspectiva de um olhar integral que a educação ambiental poderá efetivamente cumprir seu papel transformador.

Os meios de comunicação são, sem dúvida, instrumentos importantes, com todos os recursos de mídia e sistemas de informação, mas não são o bastante. Passar o conhecimento cognitivamente é importante? Sim, mas não é o bastante. Nesse momento civilizatório, para a construção de uma consciência de pertencimento, para que eu me sinta de fato identificada com os desafios da terra, com os desafios da sociedade, eu preciso me identificar com esses desafios para ressignificá-los.

Para gerar uma mudança de atitude em relação ao meu padrão de relacionamento com as águas, não basta eu pensar na água. Eu tenho que sentir a água não como se estivesse apenas em um rio distante ou em um oceano

longe de mim, mas a água presente no meu corpo, determinando minha saúde, determinando meu calor, minha temperatura, assim como acontece com a Mãe Terra. Pensar em educação ambiental no momento de reconstrução paradigmática significa criar novos padrões, novos referenciais. Perceber-se parte e todo. É como dizia o filósofo Hermes Trismegisto da Grécia Antiga: assim como está fora, está dentro; assim como está em cima, está embaixo.

Trata-se de perceber as coisas a partir de um processo de vivência interna. Esse todo de equilíbrio e harmonia que eu almejo para a Mãe Terra, no fundamental, estou almejando para mim, estou almejando para os meus filhos, estou almejando para os meus irmãos, estou almejando para todas as pessoas que amo, para que vivam um equilíbrio dinâmico e sistêmico nas suas estruturas orgânicas.

Para o educador ambiental, no atual momento em que enfrentamos o desafio de lidarmos com aquilo que o Professor Pierre Weil, fundador da UNIPAZ, nominou de “crise de fragmentação”, é relevante trabalharmos as Três Ecologias além da fantasia da separatividade.

Trabalhar a Ecologia Individual significa a transformação do indivíduo, reconhecendo que este expressa uma complexidade psíquica quaternária: dotado de razão, de sensação, de sensibilidade e de intuição. Vivemos esses quatro aspectos no sacrário de nosso corpo físico. Um sacrário que o processo evolutivo dotou de cinco sentidos, de instintos sofisticados que a vida levou bilhões de anos para desenvolver: um legado. Atualmente, muitos de nós perderam os instintos básicos, a sutileza dos sentidos: come-se plástico, toma-se água contaminada, há veneno em nossos alimentos. Perdemos a força do olfato, perdemos a defesa que apresenta o paladar, perdemos até a visão como linguagem sutil para resgatar em nós o senso do equilíbrio interno. Muitos de nós vivemos nas cidades, em ambientes completamente inóspitos, patológicos e inadequados para a saúde e para a sobrevivência. Mais ainda: nós geramos resíduos, lixo a partir do que consumimos freneticamente, resultando produtos que a natureza não consegue identificar ou reciclar. Trabalhar a educação ambiental através da Ecologia Individual significa trabalhar o resgate dessa consciência do corpo que eu sou, não é o corpo que eu tenho. É o corpo que eu sou, constituído por todos os elementos comuns à Mãe Terra. Porque se somos filhos dela seus elementos nos constituem: os minérios das montanhas nos

nossos ossos, suas águas correndo nas veias como rios interiores, o seu calor em nós - e se ela está aquecendo demais é porque está febril, e o meu corpo quando está com febre expressa um sintoma que me diz “cuida de você, cuida da Terra”. Somos as águas, o calor, o ar e o solo da Mãe Terra, *Pachamama*. E somos ainda esse quinto elemento que é a força espiritual: essa energia primordial que vem atravessando em milhões de anos toda a vida e tecendo as consciências individuais e as consciências coletivas.

A Educação Ambiental nesse momento planetário diante dos nossos desafios precisa considerar a força da consciência individual: eu sou único nesse mundo não só porque tenho a minha impressão digital singular, mas porque trata-se de uma memória cósmica, da minha composição genética única herdada de pai e mãe, que na complexidade da holoconstrução gerou a pessoa que eu sou. A Educação Ambiental transformadora pode surgir dessa consciência à partir da Ecologia Individual: no corpo, na mente, nas emoções. Assim como esperamos que a Mãe Terra nutra generosamente as hortas e todos os pomares do mundo para que nós possamos dar para os nossos filhos os frutos que podemos colher, assim também a vida espera que cada um de nós ofereça generosamente os frutos que têm para oferecer: os frutos da criatividade, os frutos do seu amor, os frutos do seu cuidado, os frutos da sua inteligência, da sua cognição, da sua ternura, dos seus dons individuais.

Expressar-se no mundo é dar testemunho de uma Ecologia individual. Além da cognição, somos seres de emoção, de sensibilidade. Não adianta o professor chegar em uma sala de aula e apenas transmitir um “beabá” estéril do que é, por exemplo, a cadeia alimentar. Vai entrar aqui e sair ali. Mas se houver uma integração temática a partir da (sua) sensibilidade que faz uma leitura do significado maior da vida para que haja uma cadeia alimentar, ocorrerá o despertar de pensamentos e de reflexões para a dinâmica do equilíbrio sistêmico da vida.

Transmitir o conhecimento de que nós, seres humanos, levamos alguns milhões de anos aprendendo e ainda estamos despertando evoca os processos de descobertas de nossos ancestrais de tempos imemoriais. Nossos ancestrais foram aprendendo a Terra na experiência vital: eles olhavam para as estrelas e viam que as estrelas mudavam de lugar, olhavam para o mar e viam que o mar vai e vem. O que significa isso? perguntavam. Vivendo, eles foram entendendo

os processos, integrando as linguagens do céu e da terra:”quando eu planto no tempo em aquela estrela brilhante lá no céu está naquele lugar, as minhas sementes brotam mais abundantemente. Se eu colher quando aquela estrela subiu e está naquele outro lugar no céu, a minha colheita é melhor”... Então nossa ancestralidade construiu entendimentos nas relações com a natureza a partir da experiência, e esse acúmulo de conhecimento nos chega até os dias de hoje para conhecermos a Mãe Terra.

Portanto o conhecimento também é uma construção histórica que precisa ser honrada. É preciso trazer essa emoção para a educação ambiental. Espiritualmente, não vamos entrar no mérito religioso, mas vamos admitir que a palavra espírito vem do latim *spiritus*, que significa o sopro. Então, esse sopro que integra todos nós, independentemente de credo, religião, de cor da pele, de sexo, de tendências político partidárias, esse sopro é uma expressão sagrada contido em todo o processo e que nos integra a todos e tudo que flutua na Via Láctea, nesse lindo planeta azul. Trata-se de uma energia que está para além da nossa racionalidade, que está para além do nosso desejo, mas que é real, o assombro da Vida.

Seguimos da Ecologia Individual para a experiência da Ecologia Social: nos reconhecemos pertencentes à grande família dos filhos e filhas da Terra. Esse é um dos desafios contemporâneos, porque fomos criados com uma visão completamente antropocêntrica. Centrada no ser humano como a expressão mais relevante em meio às “outras” expressões da vida. Fomos educados achando que o meio ambiente é apenas um cenário para realizarmos nossos humanos desejos e projetos. Realizamos intervenções que não necessariamente consideram a complexidade e as interrelações no território em uma perspectiva sistêmica. Ainda mais: subjugamos e dominamos a natureza a partir do olhar racionalista, positivista, que surgiu no século XVII e que ainda é dominante, precisando urgentemente de ressignificação.

Um dos legados que podemos deixar como educadores ambientais para as gerações futuras é o resgate da consciência de pertencimento para além deste instante, porque nesse instante estamos aqui como sociedade tentando identificar formas de curar as patologias que desenvolvemos no planeta. A Terra precisa de cura. E nessa perspectiva, o educador ambiental de hoje precisa atuar como um Terapeuta. O que é um Terapeuta? O terapeuta é aquele que cuida. E

o que a Terra está precisando? Sobretudo de uma ética de Cuidado.

Não é mais possível construirmos nossos objetivos como educadores ambientais exclusivamente pensando em resultados. O autêntico educador precisa passar por uma alfabetização ecológica. Os processos são momentos relevantes para nos percebermos na tessitura do resgate dessa consciência de pertencimento para além da humanidade. Do ponto de vista da Ecologia Social, a humanidade é o nosso lugar, porque é a partir das relações que estabelecemos uns com os outros que cada um de nós vai poder entregar no trabalho o seu talento, sua mente e emoções, a sua construção pessoal, seus diplomas, suas experiências, seu caminho. É fundamental não perder de vista que a sociedade inclui o humano e todas as manifestações que a teia da vida faz vibrar na Terra.

Na experiência da terceira ecologia, a Ecologia Ambiental, o olhar se derrama sobre a Mãe Terra numa outra perspectiva de relação e irmandade entre todos seus filhos e filhas. Uma nova profundidade se descortina a partir do que construímos na experiência da Ecologia Social. Não se trata apenas de observar a diversidade que nos constitui para cuidar de plantas, rios, montanhas e campos, mas da abertura para a experiência do amor, por compreendermos que no processo evolutivo da vida herdamos, como seres humanos, o tesouro de adquirirmos o estado de pensamento e de ternura.

O processo evolutivo da vida do mesmo jeito que nos legou dois olhos e um coração que bate, duas pernas e dois braços que formam o desenho humano, nos legou igualmente a subjetividade humana. É importante ressaltar que a subjetividade não é um pressuposto do ser humano: a subjetividade existe em toda a criação, cada qual no seu próprio processo, no âmbito da criação evolucionária de cada espécie, e essa é a beleza da vida: cada manifestação tem a sua própria subjetividade, tem a sua própria inteligência e sensibilidade. Por exemplo: descobriram recentemente que os golfinhos emitem 400 fonemas diferentes que dialogam entre si. E ainda há muito o que descobrir na medida em que sairmos desse lugar em que nos colocamos equivocada e etnocentricamente como o centro de tudo. No âmbito da Ecologia Ambiental, o educador precisa transmitir acerca do “ecodesign” que levou bilhões de anos para expressar-se na bela biodiversidade da Terra. É importante reconhecermos a sofisticação que está subjacente aos processos da vida, mesmo aqueles que se revestem de caóticas e dramáticas roupagens!

Sintetizando, a educação ambiental hoje pressupõe essa experiência de integração na abordagem inclusiva das Três Ecologias.

Há ainda um aspecto muito importante a ser considerado para o educador ambiental e que é um desafio contemporâneo: a cultura.

As culturas são a expressão da riqueza de nossa caminhada (como humanidade) na Terra. No entanto, a sociedade contemporânea, o sistema econômico vigente, por uma estratégia própria e perversa, desqualifica e arrefece a força das culturas. Esta é uma das missões da educação ambiental: resgatar a consciência de pertencimento a partir das raízes da cultura dos povos, de cada povo, e a partir das vozes e da mobilização da cidadania para a ética do cuidado.

Recentemente aconteceram dois fenômenos extraordinários para a humanidade e que expressam bem a força transformadora das ações a partir das raízes de um povo. Esses fenômenos aconteceram na Nova Zelândia e na Índia. Na Nova Zelândia, o povo *Maori* durante 144 anos lutou para proteger o Rio *Whanganui*, que para eles é um rio sagrado. É o rio que expressa o lado feminino e sagrado da Ilha da Nova Zelândia. A partir de março deste ano de 2017, o Rio *Whanganui* tem direito jurídico, ele é uma figura jurídica com os mesmos direitos do ser humano. O Povo *Maori* será a voz deste rio no parlamento, defendendo as matas ciliares e todo o bioma que o faz ser. O povo *Maori* tem a percepção do rio não apenas como fonte para dar água, abastecer e irrigar, mas também como uma presença sagrada da própria memória da Mãe Terra. Já em abril deste ano na Índia, o rio Ganges e seus vinte e sete afluentes e o rio Yamuna também adquiriram o status de pessoa jurídica. O rio Ganges, sagrado para os indianos, tem no seu percurso muitas barragens, muitos desvios nos seus afluentes e um índice de poluição absurdo. Anunciam-se com o direito jurídico desses rios outras perspectivas de ações de cuidado e reverência. São fatos, conquistas, que dignificam seus povos. Realidades e percepções que se integram completamente. E quanto mais vivemos, mais nos damos conta de que será a partir da cidadania organizada e dos movimentos sociais fortalecidos pelas bases das culturas dos povos que conseguiremos, de fato, conquistar uma condição de mudança para a proteção da natureza.

Estamos dia a dia preparando o futuro. Um futuro que se descortina com os desafios do aquecimento global, da escassez hídrica, do envenenamento dos campos e dos alimentos, dentre outros. Não podemos deixar de trazer para nós a

responsabilidade de que será a partir da convergência das nossas escolhas e atitudes em relação ao momento atual como cidadãos e cidadãs que mudanças advirão.

As políticas públicas têm sua imensa responsabilidade na definição dos rumos e enraizamentos a partir da escuta dos anseios das populações. É o momento da cidadania se responsabilizar pelas suas próprias escolhas na indicação de quem elege para ser sua voz nos postos de decisão. Isso é experiência de Ecologia Individual, de Ecologia Social e de Ecologia Ambiental. Individual, porque será a partir do discernimento pessoal, da minha inteligência e sensibilidade, da minha construção de pensamento e da minha noção da qualidade do ar que eu quero respirar, a qualidade da água que eu quero beber, da qualidade da terra que eu quero ter, do alimento que quero nutrir meu corpo que eu construo uma visão de como deve ser a relação do ser humano com a natureza. Será a partir desses entendimentos surgidos do âmago da consciência individual que atuarei socialmente e me engajarei em movimentos sociais, exercendo o ser político que sou e integrando vivencialmente a minha cultura. Se somos seres históricos, isso significa que somos seres em transformação e que somos agentes e protagonistas das mudanças que precisamos realizar.

Em 1926, o filósofo sul africano Jan Smuts afirmou: “Tudo muda, tudo afeta tudo e tudo é um todo”.

Essa afirmação redimensiona e expande o significado de pertencer. Se tudo é um todo e tudo afeta tudo, cada um de nós tem uma missão única na complexidade da teia da vida, nas relações e nos contatos.

Vejo nesse momento os educadores ambientais como arautos de um novo paradigma da relação do ser humano com a natureza, do ser humano consigo mesmo e com todos os irmãos e irmãs da teia de interdependências da Terra. Arautos e artífices da construção de uma nova consciência de pertencimento, da biofilia, de uma nova relação de reverência, de amor e de cuidado com a Mãe Terra.

Somos seres que avançamos historicamente a partir das nossas próprias experiências, pois a humanidade não tem pegadas a seguir. Aprendemos e seguimos por meio de seus erros e acertos. Portanto é preciso compaixão com a própria humana condição, o que não nos redime absolutamente de reconhecermos os equívocos que cometemos e assim irmos na direção de

desenharmos o futuro que desejamos e trabalhar por ele.

Que nos inspire o poema da obra Cânticos da nossa Cecília Meirelles:

“Renova-te.

Renasce em ti mesmo.

Multiplica os teus olhos para veres mais.

Multiplica os teus braços para semeares tudo.

Destrói os olhos que tiveram visto.

Cria outros, para as visões novas.

Destrói os braços que tiveram semeado.

Para se esquecerem de colher.

Sê sempre o mesmo

Sempre outro.

Mas sempre alto.

Sempre longe.

E dentro de tudo”.

